

As representações imagéticas do relato de viagem de Jean de Léry:

Uma contribuição calvinista à temática indígena

Christian Brially Tavares de Medeiros¹

Resumo: Neste artigo pretende-se apresentar sucintamente uma leitura das representações imagética de Jean de Léry em seu relato de viagem ao Brasil, no contexto do estabelecimento da França Antártica, por apresentar uma expressão de valorização dos índios tupinambá como ser humanos. Refletindo a sua visão de mundo calvinista, especialmente quanto ao valor humano a partir de sua essência como imagem e semelhança de Deus. Contribuindo deste modo para uma relação ética e justa com os povos indígenas.

Palavras-chaves: Jean de Léry; França Antártica; Calvinismo; Temática Indígena.

The image representations of Jean de Léry's travel report: A calvinist contribution to indigenous theme

Abstract: This article aims to present briefly a reading of the imagery representations of Jean de Léry in his travel report to Brazil, in the context of the establishment of the Antarctic France, by presenting an expression of appreciation of the Tupinambá Indians as human beings. Reflecting his Calvinist worldview, especially regarding the human value from its essence as the image and likeness of God. Contributing in this way to an ethical and just relationship with the indigenous peoples.

Keywords: Jean de Léry; Antarctic France; Calvinism; Indigenous Theme.

Las representaciones de imagen del informe de viaje de Jean de Léry:

Una contribución calvinista al tema indígena

Resumen: En este artículo pretendemos presentar brevemente una lectura de la representaciones imaginarias de Jean de Léry en su relato de su viaje a Brasil, em contexto del establecimiento de la Francia antártica, por presentar una expresión de valoración de los indios Tupinambá como seres humanos. Reflejando tu cosmovisión Calvinista, especialmente considerando el valor humano desde su esencia como imagen y semejanza de Dios. Contribuyendo así a una relación ética y justa com Gente India.

Palabras llave: Jean de Léry; Francia antártica; Calvinismo; Tema indígena.

¹ Doutor em Ciências da Religião. Professor dos Cursos de Teologia e Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. E-mail: cbrially@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4987-764X>.

Jean de Léry (1534-1611) – pastor, missionário e escritor francês –, nasceu em 1534 na cidade de La Margelle na França no seio de uma família burguesa, ou apenas como um simples fidalgo, segundo registros muito escassos. Quando ainda bem jovem converteu-se ao protestantismo, seguindo na sequência para Genebra com cerca de 18 anos de idade a fim de estudar teologia sob a orientação do reformador João Calvino (1509-1564). Entrementes, o vice-almirante francês Nicolau Durand de Villegagnon (1510-1571) em carta solicitava a Calvino que enviasse protestantes à França Antártica (ou no caso huguenotes, pois assim eram denominados os protestantes na França no século XVI), Léry após livremente colocar-se à disposição da Igreja genebrina para servir nesse projeto missionário, assume a responsabilidade de promover a fé reformada na colônia francesa na Baía da Guanabara, contudo, não vem ele como ministro ordenado por ainda não ter concluído os seus estudos teológicos, mas sim como um sapateiro. Chegou ao Brasil em 1557. Após oito meses da sua chegada em terras brasileiras foi expulso juntamente com os demais huguenotes por Villegagnon, após acusá-los de heresia contra a Igreja Católica quanto à eucaristia. Deixa Léry a ilha rumo ao continente por causa dos conflitos entre protestantes e católicos. Durante os meses que passou na ilha da Guanabara e mais especialmente quando no continente conviveu com os índios tupinambás com mais proximidade, observando atentamente e maravilhado os seus costumes e práticas, de modo empiricamente imersivo observou o modo de vida dos tupinambás. Depois conseguiu retornar à Europa, especificamente à França, em uma viagem excessivamente turbulenta, perigosa e mortal para alguns dos outros viajantes, seguindo na sequência para Genebra com o intuito de concluir os seus estudos teológicos. Este já é o ano de 1558. Após alguns percalços ocorridos com as suas anotações que se extraviaram em meio às sangrentas e impiedosas guerras religiosas que foi vítima, consegue finalmente em 1578 publicar seu relato em francês. Seguindo-se a este diversas traduções e publicações em outras línguas nos anos próximos imediatamente subsequentes (cp. LESTRINGANT, 2004, pp. 77-97).

A obra “*História de uma Viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América*” se constitui em uma riquíssima contribuição aos estudos acerca dos índios tupinambás. Inaugurando a heterologia, ou ciência do outro, a partir de uma concepção valorativa dos habitantes do Novo Mundo, outrora concebidos de modo sub-humano constitui-se em obra de referência para a antropologia (vd. DE CERTEAU, 2011).

Encontramos uma forma de escrita não somente inovadora, mas também representativa da época ao qual ele fazia parte, ou seja, o Renascimento e Reforma Protestante. Léry então nos fornece um ponto de partida moderno, poderíamos assim dizer, para a construção textual, a narrativa e as representações imagéticas sobre a historiografia dos descobrimentos caracterizados pela busca pela fidedignidade do relato, comprometido com o aspecto verídico possível em contrapartida às utopias e visões paraisaicas características de seu tempo (vd. LESTRINGANT, 1980, p. 09).

Sua visão de mundo possui um fundamento teológico determinante de sua constituição: a teologia reformada, sobretudo proveniente do reformador genebrino João Calvino. A dimensão do valor humano do outro é essencialmente importante para a educação como construção de valor humanista, neste caso comprometida com a Bíblia como Palavra de Deus inspirada e normativa das práticas protestantes. Consequentemente, consideramos as representações imagéticas de Jean de Léry e seu olhar do outro como um estudo de caso ilustrativo do valor humano e suas implicações.

No relato escrito de Jean de Léry encontra-se registrada a sua experiência de viagem, a relação com Villegagnon, a perseguição e morte dos mártires, a rápida decadência da França Antártica, além do período em terras brasileiras, resultou em um profícuo relato onde encontramos as primeiras descrições da fauna e flora brasileiras, bem como uma vívida descrição de seus primeiros habitantes. A obra *Viagem à Terra do Brasil* se constitui em uma riquíssima contribuição aos estudos acerca de nossos índios, nossa natureza e nossa história, dentre outras possibilidades plausíveis e necessárias.

Assinalamos que este trabalho se insere como uma contribuição à efetivação prática no âmbito escolar das diretrizes conforme foram estabelecidas pela Lei No. 11.645/2008, que em alteração à Lei No. 9.394/1996, que determinaram a inclusão da temática indígena no currículo da rede de ensino. Conforme posto:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade

nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Desta feita, diante tanto da necessidade do cumprimento das diretrizes curriculares, mas acima de tudo, considerando a grande importância deste relato de viagem para a compreensão das origens do Brasil, compreendendo que a visão de mundo calvinista possui um contributo que não pode ser olvidado por propor subsídios essenciais para uma correta valoração norteadora nas relações com os povos indígenas, que se insere esta análise imagética. Contudo, no presente momento, dentre as mais diversas possibilidades de abordagem, analisaremos de modo introdutório as imagens dos tupinambás nesta obra, buscando compreender como Jean Léry percebeu e consequentemente representou a alteridade indígena no século XVI.

1 – AS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DOS ÍNDIOS TUPINAMBÁ

A primeira edição do relato de viagem de Jean de Léry surgiu em 1578, a partir de então, diversas edições se sucederam conforme descreve Nelson Werneck Sodré, em seu livro, *O que se deve ler para conhecer o Brasil*: “Já em 1580, em Genebra, aparecia a segunda edição; a terceira é de 1585, a quarta de 1594, a quinta de 1599, a sexta de 1600” (SODRÉ, 1997, p. 330). Nos dedicaremos às imagens que compõem o livro em sua edição primeira: Jean de Léry, *Histoire d’un Voyage Fait em La Terre Du Bresil, Autrement Dit Amérique*, La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578 (fac-símile). Julgamos que esta edição contém representações imagéticas veiculadas à obra unicamente sob os auspícios do autor, e, portanto, refletem fidedignamente os seus compromissos teológicos.

É importante salientar que posteriormente nas mais diversas edições, nas diferentes línguas as quais este texto foi traduzido, possuem imagens produzidas interpretativamente por Theodore de Bry (1528-1598) a partir dos próprios relatos de Jean de Léry. Conforme aponta Julia Bandeira, De Bry “nascido em Liège, emigrou por razões religiosas para a protestante Frankfurt, onde se estabeleceu por volta de 1570, iniciando sua carreira de gravador e editor, associado aos filhos Jean-Théodore (1561-1620) e Jean-Israel (c 1570-1611). Em *As grandes viagens*, publicadas entre 1593-1603, quase todos os autores editados por de Bry, que soube ilustrar seus relatos a partir de esboços,

pertenciam, como Léry, à religião reformada e denunciavam a violência da colonização ibérica” (BANDEIRA, 2006, p. 84). Certamente é um exercício necessário analisar tais imagens que delineiam como a obra de Jean de Léry foi recebida e interpretada a partir de tais representações imagéticas, contudo, não é nosso objetivo analisá-las neste trabalho.

Vamos às imagens propriamente ditas que pretendemos considerar neste trabalho (DE LÉRY, 1578, pp. 121, 231, 249, 275, 315, 335):





2 – DESCRIÇÃO E RELATO DE JEAN DE LÉRY

Jean de Léry nos oferece uma descrição testemunhal do que viu e presenciou em solo brasileiro, das relações respeitadas com os habitantes da terra, registrando seu modo de vida e tantas coisas mais que lhe chamaram muito a atenção neste encontro com o

Outro. Descreve suas experiências vivenciais de um modo amplamente minucioso e detalhista (vd. RAMINELLI, 1996, p. 46; MARTINS, 1977-78, p. 40-41; HOLANDA, 2000, p. 377-378). Siqueira nos traz um aspecto que deve ser considerado com atenção quanto à correlação entre escrita e imagem em Léry: “é certo que, para o escritor do século XVI, não se tratava de sobre-realidade, e sim do registro fiel (ou o mais fiel possível) do que era visto. O exercício figurativo que propõe ao seu leitor é guiado pelas ilustrações que buscam fixar os conteúdos e que se apoiam de modo visível nas convenções classicizantes que tomam conta da estética europeia renascentista” (SIQUEIRA, 2020, p. 274). Tendo como o objetivo descrito: “a iconografia clássica, as convenções anatômicas, as tradicionais formas de representação de batalhas ou de paisagens falam dessa tentativa de fazer com que os europeus fossem capazes de imaginar o inimaginável” (SIQUEIRA, 2020, p. 274).

Observemos um breve estrato do seu relato e as suas iniciais impressões dos primeiros habitantes do Brasil no século XVI, os índios tupinambás (cito-o literalmente dada a sua relevância para nossa análise):

Direi, inicialmente, a fim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás, entre os quais residi durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios. Apesar de chegarem muitos a 120 anos, (sabem contar a idade pela lunação) poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da terra, sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação, mas ainda que pouco se preocupam com as coisas deste mundo.

Quanto à sua cor natural, apesar da região quente em [que] habitam, não são negros; são apenas morenos como os espanhóis ou provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha. Não são como alguns imaginam e outros o querem fazer crer, cobertos de pêlos ou cabeludos. Ao contrário. Têm pêlos como nós, mas apenas lhes respontam pêlos em qualquer parte do corpo, mesmo nas pálpebras e sobrancelhas, arrancam-nos com as unhas ou pinças que lhes dão os cristãos. (...) Aliás o fato de arrancá-los das pálpebras e sobrancelhas torna-lhes a vista zarolha e feroz. Entretanto, os nossos tupinambás excetuam os cabelos, que nos homens são desde a juventude tosquiados bem rente na parte superior e

anterior do crânio, como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados ou dos que deixam crescer a cabeleira aparando os pêlos do pescoço.

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, deveis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas. Ao lado deles ponde ainda um leito de algodão feito com rede de pescaria e suspensa no ar. E acrescentai o fruto chamado ananás, que mais tarde descreverei e que é um dos melhores da terra.

Antes porém de encerrar este capítulo, quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pese às opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postiços, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre-saias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura. Se a decência me permitisse dizer mais, tenho certeza de que responderia a quaisquer objeções com vantagem. Limito-me a apelar para os que estiveram no Brasil e como eu viram essas coisas.

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo (DE LÉRY, 1980, pp. 111, 112, 117, 118, 121).

3 – UM ANÁLISE IMAGÉTICA INTRODUTÓRIA

Para esta análise seguiremos a interpretação da historiadora da arte Ana Maria Belluzzo que explora o tema: “*A lógica das imagens e os habitantes do Novo Mundo*”. Belluzzo defende a norteadora tese principal de que a obra de Léry “situa exemplarmente o relato erudito do renascimento francês, que se utiliza de modelos da antiguidade clássica

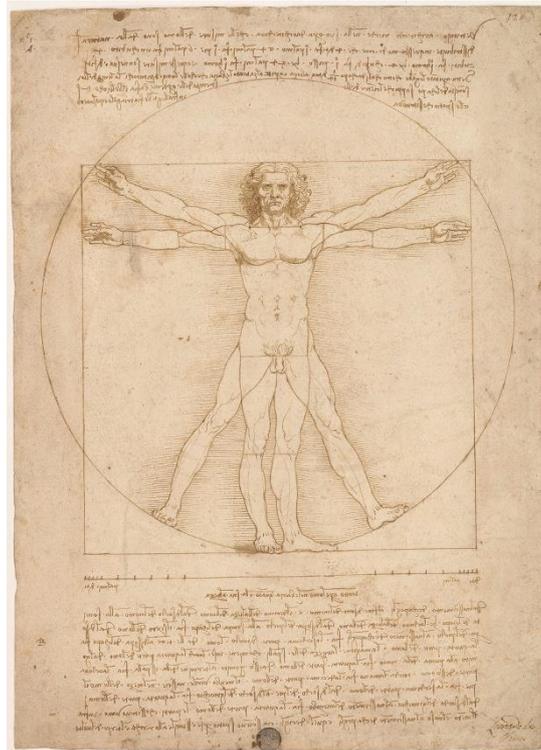
para estabelecer uma valorização positiva dos homens do Mundo Novo” (BELLUZZO, 1992, p. 47). Indicando que “Léry entende que para figurar um índio pode-se imaginar o nu proporcionado, o corpo inteiramente depilado. Atento aos conteúdos de verdade etnológica, desejava revelar o corte dos cabelos, a ornamentação facial com pedras, as marcas das vitórias ostentadas pelos selvagens nos riscos de suco de genipapo nas pernas. Nada é gratuito. Afirmar que os índios se depilam é distanciá-los dos seres peludos que habitam a floresta. Expor marcas de guerra é mencionar a coragem e a bravura, aludidas pelos troféus de cabeças inimigas aos seus pés” (BELLUZZO, 1992, p. 50). Na esteira da sua argumentação analítica dos objetivos de Jean de Léry, enfatiza:

Os sentidos das ilustrações de Léry decorrem das inter-relações estabelecidas entre as partes da figura e entre figuras indígenas. Isto é, Léry busca uma razão formal abstrata. Para tipificar as suas figuras, conforme preceitos clássicos, irá recortá-las de sua realidade e transportá-las para o mundo ideal das relações proporcionais. Desse modo, o índio passa a ser mostrado como universalidade humana. Evitando a combinação aditiva das figuras, Léry as superpõe para não justapor. O corpo frontal e o corpo de perfil sob o eixo de rotação é um recurso que equivale à variação de pontos de vista. Está, por outro lado, de acordo com o relativismo cultural de Léry, que seria capaz de reconsiderar Plínio e Ovídio diante dos fatos da América. Para ele, o mundo natural é um conjunto ordenado e o homem ocupa o seu centro. Destaca e isola as figuras humanas em sua gravura, rodeando-as por animais domésticos, que lhe são próximos ou lhe estão sujeitos. É curioso notar o nu atlético e apolíneo de constituição escultural, formado por volumes, quando se sabe que a escultura e o baixo-relevo dos antigos forneciam os modelos para a transgressão do espaço topográfico e segmentado das representações medievais. O movimento dos índios em dança estabelece a disposição regular das partes do corpo para diferentes direções, sendo fiel ao desejo de uma forma racional e à unidade geométrica espacial. Pode-se adivinhar que o discóbulo – um dos modelos da escultura grega antiga – empresta sugestões à rotação da figura indígena, vindo a movimentação apontar para o espaço ao redor. Afinal, não se teria isso em mente ao se relacionar as duas figuras, sugerindo uma seqüência de posições da primeira para a segunda, do frontal para o perfil, do dobrado para o ereto? (BELLUZZO, 1992, p. 54-55).



Discóbolo, estátua de Míron (c. 455 a.C.)

Encontramos, desta feita, uma representação do índio segundo conceitos clássicos evidenciado pelo duplo e paradoxal aspecto da extração do índio de sua realidade contextual e, além disto, Léry coloca-o no campo do ideal por meio da aplicação do conceito da proporção em suas representações imagéticas, ao mesmo tempo em que mantém os tupinambás em seu quadro de realidade concreta evidenciada pela aplicação dos conceitos de rotatividade e perspectiva. O humano é o referencial de interpretação do mundo e o índio é humano para Jean Léry. Não um simples humano, mas um humano distinto dos animais e monstros peludos que recheavam o imaginário europeu medieval anterior às grandes descobertas, além desta correção da mentalidade europeia, enfatiza que os índios eram dotados das qualidades da coragem e da bravura. Reflete deste modo o seu interesse e valorização do humano ao destacar o índio no centro interpretativo em evidência como homem, e acima de tudo como “universalidade humana”.



Homem vitruviano (±1490) de Leonardo da Vinci (1452-1519)²

4 – POR UMA ANÁLISE DO DICURSO IMAGÉTICO

A análise do discurso comumente se apresenta à tarefa de considerar as construções ideológicas que se constituem em um texto escrito produzido em uma discursividade. Para tanto defende a ideia de que todo e qualquer texto é um produto socialmente constituído. Desta feita, o discurso deve ser analisado e interpretado situando-o no seu lugar de construção e levando inevitavelmente em consideração o ambiente histórico-social em que foi produzido. Conforme aponta Dominique Maingueneau: “Não existe discurso que não seja contextualizado: não se pode, de fato, atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 171). Na mesma perspectiva, Eni P. Orlandi: “A linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2007, p. 25). A implicação natural deste conceito e modo de operação de análise dá conta do fato de que o discurso reflete e expressa necessariamente uma visão de mundo intrinsecamente vinculada ao seu autor e, portanto, representativa do seu lugar social.

² https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leonardo_da_Vinci_-_Uomo_vitruviano.jpg acesso em 21 de junho de 2021.

A análise do discurso lida com texto, palavra e linguagem, todos pertencentes à escrita e/ou fala verbal. Pretensamente julgamos que os procedimentos ferramentais da análise do discurso podem também ser aplicados à análise de imagens. De fato, as imagens podem e devem ser lidas! Como aponta Gombrich: “não tenho certeza de que nos maravilhemos o bastante em face da nossa capacidade de ler imagens, isto é, de decifrar os tais criptogramas da arte” (GOMBRICH, 2007, p. 34). Além disso, Besançon traz à tona uma concepção-chave: “o Deus bíblico, transcendente, invisível, inimaginável por sua própria essência, é no entanto o autor benevolente do mundo, que dele traz os ‘vestígios’ e, no caso do homem, a ‘imagem’” (BESANÇON, 1997, p. 608).

Pleiteamos, mesmo a despeito das limitações e/ou dificuldades interpretativas, contudo, a imagem pode ser considerada como um discurso carregado de sentido, produzido socialmente, portanto, passível de ser analisada segundo com o seu contexto histórico-social, considerando as mentalidades que determinaram suas ações efetivas. Sigamos nesta tarefa.

4.1 – CONJUNTURA HISTÓRICO-SOCIAL

Jean de Léry quando se depara com os índios em seu estado de completa nudez não é tomado por uma surpresa repulsiva. Compreende o outro dentro do seu próprio sistema de vida, por assim dizer, ou em outras palavras segundo a visão de mundo do índio tupinambá. Léry está compromissado com as mentalidades de sua época e lugar, e ressaltamos que em momento algum renuncia a sua fundamentação credal de ordem protestante calvinista. O ponto a ser considerado: que pensamento é este que não impõe sobre o indígena uma conceituação dominadora e que não tem uma pretensão de subjugar? Para o momento evidenciaremos duas propostas. A primeira diz respeito ao ambiente da Renascença e aos elementos que a constituem onde estes expressam a valorização do ser humano. A segunda relaciona-se especificamente ao modo como o imaginário referente ao paraíso foi retratado na arte, em especial na pintura durante o momento histórico imediatamente precedente a ele, preparando de certo modo as estruturas do imaginário que determinam, até certo ponto, a mentalidade de Léry neste encontro com o outro.

A Renascença marca o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, em vários aspectos, no que diz respeito à política, religião, filosofia, ciência, arte e na cultural geral como um todo. Falou-se em outros tempos com frequência de alguns elementos que

compõem o renascimento, tais como: antropocentrismo, racionalismo, humanismo e individualismo. Suspeitamos que estas características ainda devem ser consideradas, sem, contudo, descartarmos outras possibilidades. O antropocentrismo da Renascença pode ser considerado, em certa medida, como uma reação ao suposto teocentrismo da Idade Média como chave interpretativa do mundo, mas deste ponto em diante as ações e mentalidades humanas sejam de que ordem for, devem ser reguladas tendo o homem como fiel da balança nas suas mais diversas relações existentes; ou seja, tudo deve ser interpretado em sua relação material com o humano. Somando-se o racionalismo, em germe, ao defender a tese de que há sempre uma causa inteligível que explica a origem de algo, estabelecendo a proeminência e independência da razão do homem como meio de produção de conhecimento em detrimento de qualquer meio ou autoridade revelacional. Além disto, encontramos um humanismo que neste período tem uma particularidade marcadamente relacionada ao interesse pelos textos clássicos da antiguidade, sobretudo gregos e latinos; no entanto, também está relacionado a uma valorização do humano contrariamente a um certo desprezo metodológico quanto ao homem em favor do divino conforme posto na Idade Média, por assim dizer. Enquanto isto, o individualismo está mais voltado a um conceito político que enfatiza a liberdade do indivíduo diante das suas relações sociais principalmente com o Estado; assim sendo, o indivíduo é agora observado como uno e não somente como parte integrante de um grupo social onde suas ideias e pensamentos somente possuem valor se estiverem em conformidade com o estabelecido.

Aponta Rodolfo Mondolfo:

Encontra-se, com efeito, na Renascença uma intensificação do influxo da antiguidade, e esta leva a uma afirmação da dignidade do homem, pela consideração da sua superioridade sobre toda a natureza. Consiste esta superioridade na capacidade criadora do homem, que determina a formação da cultura, e manifesta-se em um progresso infinito. Nisto consiste para os escritores da Renascença a excelência do homem. Uma excelência que se apresenta vinculada com a atividade humana dirigida à conquista dos conhecimentos e ao estudo, de maneira que se afirma como ideal de elevação espiritual para o homem (MONDOLFO, 1967, p. 186).

Jean de Léry é um representante do renascimento. Conforme se observa na tese de doutorado de Wilton Carlos Lima da Silva sob o título *As Terras Inventadas: discurso e natureza em viajantes no Brasil (Léry, Antonil e Burton)*. Sobre a obra de Jean de Léry

afirma:

O relato de Léry permite não só a percepção da formação discursiva renascentista, como a delimitação clara da forma como se constroem múltiplas identidades que se aproximam e se opõem, num jogo de similitudes e diferenciações, seja na forma de descrição da natureza e das populações (com particular ênfase para a antropofagia) seja na afirmação de percepções (europeu e índio, protestante e católico, natureza como criação divina e como valor de troca, entre outras) e de um relativismo não-usual no período.

Trata-se da busca para identificar as condições de emergência dos discursos no século XVI por meio do relato de viagem de um artesão em terras longínquas, na profusão de imagens metafóricas e fragmentárias, estabelecendo complexas relações de semelhança e contigüidade entre as espécies nativas e as européias, e mesmo entre a identidade européia e a alteridade dos tupis (SILVA, 2003, p. 20).

Quanto as representações imagéticas do paraíso nas estruturas do imaginário europeu as proposições que Julio Bandeira apresenta podem nos servir como parâmetro norteador, ao ressaltar:

A mudança do Velho para o Novo Mundo ocorreu, em primeiro lugar, no imaginário europeu, com o fim da Idade Média e antes do acabar do século XV, à frente de Colombo cruzar o Mar Oceano. Só se descobriu aquilo que já se conhecia, e a Renascença preparou a Europa para a visão da paisagem exuberante e da nudez espontânea dos povos de outras plagas a serem encontradas na passagem do século.

No Quatrocentos, a redescoberta do nu por intermédio da cultura clássica permitiu aos olhos do Velho Mundo buscar no universo dos sentidos a capacidade de enxergar a beleza deste mundo para além da metafísica e da religião. Chegara o momento de achar, coincidentemente, o Paraíso Terrestre e exaltar a nudez, oferecendo uma dupla estesia: a contemplação da anatomia humana e da paisagem. As artes da Renascença da França, Itália e Países Baixos puderam mostrar o seu embevecimento com corpo nu – com um encanto e apreço igual ou maior do que gozar na Antiguidade – ao mesmo tempo em que descobriam a beleza de vegetações luxuriantes (BANDEIRA, 2006, p. 13).

Bandeira a título de comprovação da sua abordagem apresenta a pintura *Le Paradis Terrestre* de Dieric Bouts (1415-1475), considerando como um exemplo das pinturas que desde 1460 já instigavam o imaginário europeu quanto paraíso terrestre constituído por um grupo de homens e mulheres seminus, concluindo: “era a alegoria de uma possível *vita nuova* no Paraíso, e o Brasil se tornou, com os Tupinambá, a primeira

materialização do mito para os franceses” (BANDEIRA, 2006, p. 15).

Julio Bandeira defende a tese de que “a singela espontaneidade do nu maravilhava franceses” (BANDEIRA, 2006, p. 24). Como exemplos: *Gabrielle d’Estrée e sua irmã* (anônima) e *Allégorie Du Triomphe de Vénus* (Angelo Bronzino 1503-1572). Conclui ao afirmar que “Afrodites nasciam de suas conchas nas ondas da Guanabara, altivas dianas pisavam na areia com seus arcos e flechas a tiracolo. A beleza ideal da anatomia despida que cobre as paredes do Palácio de Fontainebleau fora apenas uma antecipação na corte dos Valois daquilo que a gente francesa encontrou nas praias brasileiras. Uma nudez que surpreende, mas não desagrade Léry” (BANDEIRA, 2006, p. 24).

Também compreendemos que as motivações colonialistas dos missionários protestantes não podem ser identificadas com as motivações relacionadas à mera exploração inconsequente de uma colônia como corriqueiramente ocorreu nas Américas por parte dos portugueses e espanhóis em outros contextos. Desta feita, defendemos que o intuito francês não era o estabelecimento de uma colônia de exploração, mas sim uma colônia de povoamento. Também pleiteamos a proposição de que as pretensões dos franceses protestantes para o estabelecimento da França Antártica no Brasil dizem respeito ao desejo de usufruir da liberdade de culto, claramente explicitado no texto de Jean de Léry. Tal liberdade não existia na França do século XVI, prova disto é o massacre na noite de São Bartolomeu em 24 de agosto de 1572, onde se iniciou uma perseguição sistemática por parte da casa real e a partir de então cerca de cem mil huguenotes foram mortos. Portanto, a força motriz por parte de Léry e dos demais huguenotes em terras do Brasil não possuía um caráter extrativista e mercantilista, mas sim de respeito à terra que desejavam fosse o seu lar. Certamente um forte motivo para um relato objetivo e fidedigno e não depreciativo. Via de regra, as descrições de europeus quanto aos habitantes da nova terra, eram clara evidência de uma suposta pretensão de superioridade racial, pelo menos na visão deturpada daqueles provenientes do Velho Mundo. Jean de Léry mostra uma compreensão diferente de seus concidadãos da Europa, não enxerga o índio como um animal a ser subjogado, dominado e domesticado, também não vê a terra como um produto a ser depredado pela perniciosa motivação mercantilista. Este pensamento encontra referência em seu arcabouço calvinista que passaremos a considerar de modo sucinto.

4.2 – MENTALIDADES FUNDANTES

Entendemos que os compromissos teológicos pertencentes ao sujeito viajante-escritor e o lugar social a partir de onde fala são fatores determinantes para a produção de sentido, porquanto, tal estruturação é determinantemente vital na busca por uma autêntica compreensão de todo discurso.³ A visão de mundo de Jean de Léry, determinante nas relações que estabelece com os tupinambás, fora delineada pelos conceitos e pressupostos calvinistas quanto ao homem como criado à imagem e semelhança de Deus.⁴ Léry também compreendia o mundo como criação de Deus, fato claramente evidente em todo o seu relato. Logo, tanto o homem (sejam estes os habitantes do Novo Mundo ou os europeus), quanto à Criação (natureza) deveriam ser enxergados segundo a importância e o propósito da mesma qualidade daquela que fora estabelecida pelo Criador. A visão que possui do índio é movida pelo conceito apreendido de seu mestre, João Calvino (1509-1564) tendo em vista que se encontrava em preparação teológica para a ordenação ao pastorado na igreja reformada, pausada apenas momentaneamente para servir nesta empreitada missionária no Novo Mundo. Para Calvino o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, tema bíblico que desenvolve principalmente nas suas *Institutas*. Também compreende que a natureza não deve ser vista como uma divindade, mas como criação de Deus, esta concepção permite o estudo e a descrição da fauna e da flora brasileiras, pois não se trata de um deus panteísta o que impediria por completo qualquer tipo de relação, além disto, a própria compreensão acerca do índio tupinambá também é possível pelo viajante através destes conceitos. Pleiteamos a hipótese de que a cosmovisão calvinista é o fundamento determinante para a constituição de sentido como pretendido por Jean de Léry em seu relato de viagem.

Compreendemos que as representações imagéticas de Jean de Léry são fruto e materialização de seu arcabouço teológico como uma cosmovisão que determina a interpretação do mundo. Desta feita os conceitos de imagem e semelhança de Deus no homem são chave para entender os ideais e métodos de abordagem de Léry. Tema este da imagem de Deus no homem atestado quanto à sua importância por Jean-Claude

³ Devo a Michel de Certeau em *A Escrita da História*, esta perspectiva do lugar social do sujeito como elementos determinante na suas concepções de mundo.

⁴ Lestringant descreve a importância dos Salmos e do Livro de Jó, ambos os textos mediados pela interpretação de João Calvino, como elemento importante na sua interpretação em todo o relato de viagem. Vd. Lestringant, Frank. *Jean de Léry ou L'invention du Sauvage: essai sur l'Histoire d'un Voyage fait en la terre du Bresil*. Paris: Honoré Champion, 2005, pp. 220-232.

Schmitt:

Com efeito, a *imago* é o fundamento da antropologia cristã. Desde os primeiros versículos da Bíblia, na primeira vez que o homem é nomeado, é chamado de “imagem”. Seguindo a narração do *Gênesis* 1, 26, ao criar o homem Deus disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança (Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram)*. Desde aí a questão da imagem se encontra inscrita no drama da história da humanidade, pontuada pela Queda (quer dizer, a perda da *similitudo* entre o homem e Deus), pela Encarnação e pelo sacrifício redentor do Filho de Deus, e no fim dos tempos pela Ressurreição dos mortos e Juízo final. O *ad* da fórmula bíblica indica que, para o homem, a história é um projeto que visa a restituição plena da “semelhança” perdida, que subsiste apenas na condição de um traço (*vestigium*). Devido à Falta, o homem encontra-se decaído, vivendo num estado de “dissemelhança” de Deus. Nesse drama, que na concepção cristã fundamenta toda a história, o homem encarna a mudança enquanto Deus é o ser imutável. No princípio do século 12, Guibert de Nogent dizia que o Criador é o “Bom Imageiro” (*Bon Imagier*) e toda a Criação é a “imagem” que criara e na qual se refletia. A criação é a “imagem do mundo”, *imago mundi*. Toda ela traz consigo a marca do “Bom Imageiro”, do Todo-Poderoso (SCHMITT, 2007, p. 13).

17

Observemos mais alguns detalhes do composto da sua cosmovisão apresentando os conceitos do reformador João Calvino quanto ao homem como criado à imagem e semelhança de Deus. Em rápidas citações do tema encontrado nas obras do reformador, a título de ilustração de seu pensamento quanto ao referido assunto, conseqüentemente podemos situar a relação teológica existente entre João Calvino e Jean de Léry.

Na obra de 1537 *Instrução na Fé* ao comentar sobre o mandamento “*Não Matarás*”, afirma Calvino que a razão pela qual toda e qualquer violência contra o ser humano deve ser rechaçada porque fora criado à imagem e semelhança de Deus:

Aqui somos proibidos de toda violência e injúria e, de modo geral, de qualquer ofensa que possa ferir o corpo do nosso próximo. Pois se lembrarmos que o homem foi feito à imagem de Deus, devemos considerá-lo como santo e sagrado, de tal forma que ele não possa ser violado sem que também nele seja violada a imagem de Deus (CALVINO, 2008, p. 53).

Calvino em *A Verdadeira Vida Cristã* enfatiza que o valor do ser humano não é um valor autônomo, mas sim derivado e dependente do Deus Criador, a Quem é devido o culto e a reverência, estabelecendo a correlação essencial entre adoração à Deus e

correto relacionamento com o próximo: “A Escritura nos ajuda com um excelente argumento, ensinando-nos a não pensar no valor real do homem, mas só em sua criação, feita conforme a imagem de Deus. A Ele devemos toda honra e o amor de nosso ser” (CALVINO, 2000, p. 37).

Calvino em sua principal obra *A Instituição da Religião Cristã* é enfático:

É preciso agora falar da criação do homem, não só porque é, entre as obras de Deus, a espécie mais nobre e mais admirável, tanto de sua justiça quanto de sua sabedoria e bondade, mas porque, como dissemos no início, Ele não pode ser apreendido plena e solidamente por nós a não ser pela apreensão de nós mesmos (CALVINO, I.15.1).

Quando, pois, Deus decretou criar o homem “à sua imagem”, porque tal era obscuro, como explicação repetiu a expressão “à semelhança”; como se dissesse que fazia o homem, no qual se representaria a si mesmo como à imagem, pelos sinais de semelhança que lhe imprimiria. (...) Então, mantenho o princípio que há pouco expus: que a imagem de Deus se estende para toda a excelência em que sobressai a natureza do homem entre todas as espécies animais. (...) É certo que, mesmo em cada uma das partes do mundo, brilham determinadas mostras da glória de Deus, de onde se pode perceber que, quando sua imagem foi colocada no homem, tacitamente se subentende uma antítese que eleva o homem acima de todas as outras criaturas, tal que o separasse do comum (CALVINO, I.15.3).

Encontramos, ainda que introdutoriamente, ensinamentos do reformador que estabelecem os fundamentos teológicos que nortearam a leitura que Jean de Léry apresenta em seu relato de viagem. Determinando o modo de “olhar” e a “leitura” que teve quando se deparou com os tupinambás no Brasil do século XVI, e a descrição vívida em sua obra e as consequentes representações imagéticas posteriormente editadas.

APONTAMENTOS FINAIS

Observamos que Jean de Léry reflete uma íntima relação com a cultura grega clássica; evidentemente compreensível, tendo em vista os modelos que surgem de uma observação mais aplicada, quando se demonstram as matrizes representativas da antiguidade grega presentes em seu tempo, o Renascimento. Explicitado também pelas diversas citações e referências constantes a autores clássicos do mundo da filosofia grega antiga que se encontram presentes em seu relato de viagem.

Por estar inserido no período renascentista com todas as suas prerrogativas e implicações, seja enquanto teólogo ou narrador de viagem, ou mesmo pelas imagens

grandemente pictóricas que formula e representa imagetivamente, demonstram o diálogo que a teologia calvinista apresenta com o mundo onde está posto, sem, contudo, abrir mão de seus compromissos credais, especialmente tendo a Bíblia como Palavra de Deus, inspirada e inerrante, e, acima de tudo, como critério imutável de Verdade absoluta, portanto, categórica como um canôn no que concerne à leitura da realidade.

Como um humanista expressa uma grande estima pelo ser humano em suas descrições, e desta feita o tupinambá é tratado como homem, conseqüentemente, digno de respeito e valor; perspectiva diametralmente oposta à concepção animalesca que se encontrava recorrentemente no imaginário europeu. As representações imagéticas que estão inseridas na obra de Jean de Léry em sua primeira edição nos revelam a valorização do outro como uma proposta de interpretação justa do Novo Mundo, nos fornecendo uma chave para compreender o outro, que por implicação lógica, situando o índio tupinambá dentro de seu próprio contexto social e cultural.

Jean de Léry expressa na prática a teologia reformada calvinista, seja no que concerne à compreensão do homem como criado à imagem e semelhança de Deus, seja em sua visão de mundo quanto ao ambiente de onde o tupinambá vive. O mundo como criação de Deus, e o índio tupinambá situado no nível mais elevado, segundo a sua cosmovisão, como expressão da beleza do Criador.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Julio. *Canibais no Paraíso: a França Antártica e o imaginário europeu quinhentista*. Rio de Janeiro: Mar de Idéias, 2006.

BELLUZZO, Ana Maria de M. *A Lógica das Imagens e os Habitantes do Novo Mundo* in GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020.

BESANÇON, Alain. *A Imagem Proibida: uma história intelectual da iconoclastia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. São Paulo: UNESP, 2008.

CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000.

CALVINO, João. *Instrução na Fé* in FARIA, Eduardo Galasso (ed.). *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

DE LÉRY, Jean. *Histoire d'un Voyage Fait em La Terre Du Bresil, Autrement Dit Amérique*. La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578.

DE LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

GOMBRICH, Ernst Hans. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. 4.^a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

LESTRIGANT, Frank. *Jean de Léry ou L'invention du Sauvage: essai sur l'Histoire d'un Voyage fait en la terre du Bresil*. Paris: Honoré Champion, 2005.

LESTRINGANT, Frank. *Calvinistes et Cannibales. Les écrits protestants sur le Brésil (1555-1560)*. *Bulletin de la Société d'Histoire du Protestantism Français*, n. 126, 1980.

LESTRINGANT, Frank. *Le Huguenot et le Sauvage: L'Amérique et la controverse coloniale, en France, au temps des Guerres de Religion*. Genève: Droz, 2004.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*, vol. I (1550-1794). São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo: 1977-78.

MONDOLFO, Rodolfo. *Figuras e Idéias da Filosofia da Renascença*. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7.^a ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*, 2.^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1979.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*, Bauru-SP, EDUSC, 2007.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. *As Terras Inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Jean de Léry e Paul Claudel: entre dois mundos*. In BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Que se Deve Ler para Conhecer o Brasil*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.